



Adorno e a crise da formação cultural no mundo contemporâneo

Resumo

O objetivo do presente artigo é refletir sobre a crise da formação cultural (*Bildung*) no mundo contemporâneo. O que procuramos compreender é como a formação cultural burguesa deu origem a uma cultura elaborada em moldes industriais, tornando-se uma mercadoria, cujo objetivo é produzir uma formação dada *a priori*, que fixa e fortalece as formas de consciência, produzindo a dominação no plano da subjetividade. Para esse intento, trataremos de discutir alguns aspectos do conceito de *Kultur* da tradição alemã. A partir disso, procuramos mostrar como a cultura se converteu integralmente em ideologia, tornando a semicultura o espírito objetivo de nossa época.

Michel Aires de Souza Dias

Doutorando em Educação pela Universidade de São Paulo. Membro do grupo de estudos sobre "Educação, Filosofia, Engajamento e Emancipação", vinculado à FEUSP e ao CNPQ. E-mail: michelaires@usp.br

Palavras-chave: *Bildung*. *Kultur*. formação cultural. indústria cultural. semiformação.

The objective of this article is to reflect on the crisis of cultural formation (*Bildung*) in the contemporary world. What we seek to understand is how bourgeois cultural formation gave rise to a culture elaborated in industrial molds, becoming a commodity, whose objective is to produce a formation given *a priori*, which fixes and strengthens the forms of consciousness, producing domination in the plane of subjectivity. For this attempt, we will try to discuss some aspects of *Kultur's* concept of German tradition. From this, we seek to show how culture has become integrally in ideology, becoming semicultura the objective spirit of our time.

Keywords: *Bildung*. *Kultur*. cultural formation. cultural industry. semiformation

Adorno, em sua emigração para os Estados- Unidos, ao entrar em contato com a cultura norte-americana, ficou espantado com o planejamento racional e a padronização dos meios de comunicação de massa. Ele percebeu que a cultura deixou de ser algo espontâneo e popular, e passou a ser produzida por empresas e instituições que criam produtos e entretenimentos padronizados para o grande público. Na Alemanha, ele já havia escrito sobre a música e já reconhecia que ela era um produto criado pelas relações de produção capitalista. Essa ideia foi mostrada em seu texto “Sobre a situação social da música”, de 1932. Em seu ponto de vista, “a maior parte da música exibia as características de uma mercadoria, dominada mais pelo valor de troca que pelo de uso” (JAY, 2008, p. 239). Já no período de sua emigração, os estudos sobre a música levaram-no a adquirir um grande conhecimento dos principais mecanismos de funcionamento da indústria radiofônica nos Estados Unidos. Ele também tomou conhecimento da grande indústria do cinema, desde sua fundação com a criação dos grandes estúdios de Hollywood. Já naquela época, os Estados Unidos tinham um aparato produtivo imenso, desde 1910, quando a indústria cinematográfica foi criada. Segundo Duarte, “ao que parece, Adorno até frequenta os bastidores da sétima arte, como a recepção em Malibu, com a presença de Charles Chaplin, dentre outros astros e estrelas” (2003, p. 19).

Em seu ensaio “Teoria da Semicultura”, ao analisar a cultura norte-americana, Adorno percebeu nela uma carência de novas formas de existência imagéticas. Aquele mundo de imagens religiosas, de cultos, procissões, peregrinações, de folclore e de imagens irracionais da época medieval perdeu sua razão de ser. A existência foi esvaziada de seu sentido lúdico e se nivelou pela forma universal da mercadoria: “A vida, modelada até as últimas ramificações pelo princípio da equivalência, se esgota na reprodução de si mesma” (ADORNO, 2005, p. 10). Na medida em que as relações de troca moldaram as formas de existência, a realidade se impõe como algo despótico e nivelador, exercendo uma grande pressão sobre os indivíduos. O resultado disso foi a de que a alma humana sentiu a necessidade de substituir aquelas imagens e formas perdidas por novos elementos imagéticos. Na avaliação de Adorno (2005), os meios de comunicação de massa adotaram uma mitologia em substituição aquele mundo de riqueza cultural da idade média. Em nossa atualidade, as estrelas de cinema, assim como as canções de sucesso, com suas letras e seus títulos, irradiam um brilho igualmente calculado. Por vezes, semblantes femininos de uma beleza estonteante, explicam-se por si mesmos como pictografia da semiformação: “A semiformação não se confina meramente ao espírito, adultera também a vida sensorial” (ADORNO, 2005, p. 11).

Foi a partir do contato com os meios de comunicação de massa norte-americano, que Adorno e Horkheimer (1985) desenvolveram o termo indústria cultural, para substituir a expressão “cultura de massas”, cunhada pelos apologistas da comunicação, que afirmavam ser porta-vozes de uma cultura que brotava espontaneamente das próprias massas, da forma que assumiria, atualmente, a arte popular. Eles perceberam que a formação cultural (*Bildung*) burguesa perdeu suas características de formação da personalidade individual e da vida interior, para tornar-se uma mercadoria assimilada pela indústria, transformando-se em uma espécie de pseudocultura ou semicultura, responsável pela manutenção ideológica das classes dominantes. O resultado disso foi que a formação cultural no mundo contemporâneo passou a ser mediada pelas imagens. As imagens ganharam grande poder ideológico, pois modificam a realidade e adulteram-na em benefício dos interesses de classe. No tocante a esse assunto, Sontag (1981) afirma que uma sociedade se torna moderna quando uma de suas principais atividades passa a ser a produção e o consumo de imagens, que passam a determinar nossas exigências com respeito à realidade e são elas mesmas substitutas cobiçadas da experiência autêntica, tornam-se indispensáveis à boa saúde da economia, à estabilidade política e à busca da felicidade individual.

O nosso objetivo neste artigo é refletir sobre a crise da formação cultural (*Bildung*) no mundo contemporâneo. O que procuramos compreender é como a formação cultural burguesa deu origem a uma cultura elaborada em moldes industriais, tornando-se uma mercadoria, cujo objetivo é produzir uma formação dada *a priori*, que fixa e fortalece as formas de consciência, produzindo a dominação no plano da subjetividade. Para esse intento, trataremos de discutir alguns aspectos do conceito de *Kultur* da tradição alemã. A partir disso, procuramos mostrar como a cultura se converteu integralmente em ideologia, tornando a semicultura o espírito objetivo de nossa época.

Para uma maior compreensão do conceito de cultura da tradição alemã, torna-se necessário fazer uma distinção conceitual sobre os termos *Bildung* e *Kultur*.¹ A palavra *Bildung* significa cultura e é análoga à palavra *Kultur*. Contudo, enquanto *Kultur* está mais relacionada às relações humanas objetivas, como as realizações ou produções espirituais, como arte, filosofia, teatro, livros e obras de arte; *Bildung* refere-se mais às transformações na esfera subjetiva, estando ligada ao processo de formação cultural. Esse conceito normalmente é usado para falar sobre o grau de “formação” de um

¹ Para distinguir os conceitos de *Kultur* e *Bildung* da tradição alemã, nós utilizamos as explicações de Rosana Suarez em seu artigo Notas sobre o conceito de *Bildung* (Formação cultural) e a obra de Norbert Elias, O processo civilizador: uma história dos costumes.

indivíduo, de um povo, de uma língua, de uma obra de arte.² Nesse sentido, a palavra alemã tem uma forte conotação pedagógica e designa a formação como *processo*.

O conceito de formação cultural (*Bildung*) da tradição alemã está no centro das discussões sobre a cultura no pensamento de Adorno. Como observou Jay (1988), poucos intelectuais do século XX foram tão sensíveis aos múltiplos significados e implicações contraditórias quanto Adorno sobre o conceito de cultura, que deixou o ambiente da *Kultur* alemã e foi para o ambiente da *Culture* anglo-americana, e sentiu-se deslocado diante de tantas versões que encontrou. Como pensador dialético, a palavra cultura não possui um sentido unívoco em seu pensamento. Em alguns momentos, a palavra aparece em seu sentido crítico em oposição à cultura industrializada. Com isso, ela se opõe ao mundo reificado do mercado e em oposição à indústria cultural, como uma esfera de esclarecimento e autoconsciência, permitindo a emancipação e a transformação social. Nesse sentido, a cultura, como algo que transcende a autopreservação sistêmica da espécie, contém inevitavelmente uma dimensão crítica face a todas as instituições e a tudo que existe (ADORNO, 1978). Em outros momentos, a palavra aparece no sentido de *Kultur* como foi apropriada pela formação espiritual burguesa, herdeira da tradição alemã: “Na linguagem alemã se entende por ‘cultura’, em oposição cada vez mais direta à práxis, à cultura do espírito” (ADORNO, 2005, p. 44). Nesse sentido, a cultura é fetichizada, tornando os produtos do espírito humano fins em si mesmos, desconectados da práxis social. Com isso, a palavra assume um caráter afirmativo, ideológico e de manutenção do *status quo*.

Para um maior esclarecimento sobre o conceito de *Kultur* da tradição alemã, torna-se necessário entender a sua origem, o seu sentido e o seu significado. O conceito de *Kultur* só pode ser compreendido a partir do seu par oposto *Zivilization*, que apareceu na Europa na segunda metade do século XVIII. Para esclarecer essa distinção, utilizaremos como referência a obra do sociólogo polonês Nobeit Elias, “O processo Civilizador: uma história dos costumes”. Neste livro, Elias desenvolve a ideia de que na Europa teria existido um processo civilizatório, que culminou no desenvolvimento de uma consciência de civilização, da superioridade de seu próprio comportamento e de sua materialização na ciência, na tecnologia e nas artes, que se universalizou por todas as nações (ELIAS, 2011).

² Embora a palavra *Bildung* seja normalmente traduzida do alemão para o português como formação, nós optamos por empregá-la como formação cultural, tendo como referência Maar (2003, p.468), Suarez (2005, p.192), Zuin, Pucci, Oliveira (2008, p.55), entre outros.

Para Elias (2011), o conceito de civilização refere-se a uma variedade de fatos: ao nível da tecnologia, às maneiras de ser, ao desenvolvimento das ciências, às ideias religiosas, às formas de punição judiciária, ao modo de preparar os alimentos, etc. Contudo, o conceito não significa a mesma coisa para diferentes nações ocidentais. Há uma diferença fundamental entre a forma em que os ingleses e os franceses empregam a palavra, por um lado, e os alemães, por outro. Para os primeiros, a palavra representa o orgulho pela importância de suas nações para o progresso do ocidente e da humanidade. Já no emprego que é dado pelos alemães, a palavra *Zivilisation* significa algo útil, mas é apenas um valor de segunda mão, uma vez que está ligada à aparência externa dos indivíduos e à superficialidade de suas existências. A palavra pela qual os alemães se compreendem e sentem orgulho de suas próprias realizações é *Kultur*. Este conceito está ligado às realizações espirituais, como fatos intelectuais, artísticos ou religiosos, e se opõe ao conceito francês e inglês de *civilização*, que pode se referir a fatos políticos, econômicos, religiosos, técnicos, morais ou sociais.

Outra diferença observada por Elias (2011), é a de que o conceito de civilização entre os ingleses e os franceses pode ser aplicado a atitudes e ao comportamento dos indivíduos, mesmo que eles não realizem nada de importante. Com isso, uma pessoa pode ser considerada civilizada a partir daquilo que ela expressa em seu comportamento. No entanto, isso já não acontece com o conceito de *Kultur*, pois o valor que a pessoa tem em virtude de sua conduta é algo secundário. O que é mais importante são as realizações do indivíduo. Por esta razão, o adjetivo *kulturell* descreve o caráter e o valor de determinados produtos humanos, e não o valor intrínseco da pessoa. Ele refere-se às criações humanas que são semelhantes a obras de arte, livros, sistemas religiosos ou filosóficos, nos quais se expressam a individualidade de um povo.

Os estudos de Elias (2011) mostraram que o conceito de *Kultur* apareceu na experiência dos indivíduos, na Alemanha do século XVIII, a partir de um contraste entre a nobreza cortesã, que usava a língua francesa e se denominava civilizada; e um estrato da intelligentsia de classe média, que falava alemão, constituindo-se de servidores do príncipe, burgueses e funcionários públicos. Essa intelligentsia estava muito distante das atividades políticas e se dedicavam às realizações intelectuais, científicas ou artísticas. Em contraposição a ela, há uma classe superior governante que nada “realiza”, no sentido que as outras o fazem, mas que buscam se distinguir de outras classes a partir de sua autoimagem, de seu comportamento e de sua autojustificação: cortesia, decoro, decência social, moralidade no amor à honra são suas principais características. Desse modo, “é na polêmica entre o estrato da intelligentsia alemã de classe média e a etiqueta da classe cortesã,

superior e governante, que se origina o contraste entre *Kultur e Zivilization* na Alemanha” (ELIAS, 2011, p. 28).

As cortes dos grandes senhores na Alemanha podem ser comparadas ao teatro, em que todos representam como atores, buscando favores do príncipe e dos membros mais importantes da nobreza. Para isso, os indivíduos não medem esforços para alcançar seus objetivos. A cortesia, os bons modos e a etiqueta são habilidades imprescindíveis para se obter estima. Ali, quase todos falam francês e possuem ojeriza pela língua alemã, que a consideram bárbara, pesada e vulgar. É em contraste com estas cortes, consideradas civilizadas conforme os padrões da corte de Luiz XIV, que surge uma intelligentsia de fala alemã, que não participava da corte e da vida política, mas que se dedicava às criações espirituais como a arte, a literatura e a poesia, tornando a Alemanha uma terra conhecida por seus poetas e pensadores, como Lessing, Goethe e Schiller: “E deles, conceitos como *Bildung e Kultur* receberam seu cunho e substância especificamente alemães” (ELIAS, 2011, p. 33).

Em uma Alemanha agrária, em que o comércio, as comunicações e a indústria são ainda dependentes da regulamentação e da promoção do Estado mercantilista, a burguesia comercial era relativamente subdesenvolvida: “A ascensão para a prosperidade apenas ensaia os primeiros passos nesse período” (ELIAS, 2011, p. 42). Em consequência disso, esse movimento literário não era de caráter político e econômico, mas se constitui como um movimento social que transformou toda a sociedade daquela época. Aqueles poetas, artistas e pensadores se tornaram os grandes representantes da vanguarda espiritual da classe burguesa. Eram numerosos indivíduos que se encontravam na mesma situação e possuíam as mesmas origens sociais, mas que viviam isolados ou em um pequeno círculo, formando uma elite intelectual em relação ao povo. Apesar disso, eram considerados cidadãos de segunda classe pela aristocracia cortesã. Para Elias (2011), o que eles tinham em comum era o amor pela natureza e à liberdade, a exaltação da solidão, o culto das emoções, sendo avessos à razão fria e calculista. Mente e livro eram seu refúgio e domínio, e as realizações na erudição e na arte seu motivo de orgulho. Nesta passagem abaixo, o autor descreve o que distingue a intelligentsia da classe média alemã em contraste com os valores da burguesia ascendente na França e Inglaterra:

O que legitima a seus próprios olhos a intelligentsia da classe média do século XVIII, o que fornece os alicerces à sua autoimagem e orgulho, situa-se além da economia e da política. Reside no que, exatamente por esta razão, é chamado de *rein Geistige* (o puramente espiritual) em livros, trabalho de erudição, religião, arte, filosofia, no enriquecimento interno, na formação intelectual (*Bildung*) do indivíduo, principalmente através dos livros, na personalidade. Em consequência, os lemas que expressam essa autoimagem da classe intelectual alemã, termos tais como *Bildung e Kultur*, tendem a traçar uma nítida distinção entre realizações nas áreas que acabamos de mencionar, esta esfera puramente espiritual (concebido como a única de valor autêntico), e a esfera

econômica política, econômica e social, em contraste frontal com os lemas da burguesia ascendente na França e Inglaterra (ELIAS, 2011, p. 42).

Em suas análises, Elias deixou claro como surgiu historicamente a distinção que os Alemães fazem ainda hoje entre cultura e civilização, isto é, entre o mundo simbólico das ideias e dos sentimentos superiores, de um lado; e o mundo físico da produção e reprodução material, do outro. Já se percebe como a cultura espiritual da burguesa adquire um valor superior em relação ao mundo do trabalho e da luta diária pela existência. Adorno, assim como “os membros do *Institut* nunca se cansaram de atacar a oposição entre a cultura, como esfera superior das realizações humanas, e a existência material, como aspecto inferior da condição humana” (JAY, 2008, p. 233).

Tal como Elias, Jay (1988) também observou que há dois âmbitos antagônicos da cultura em contraste na Alemanha do século XIX. Segundo ele, falar em cultura significa ser confrontado de imediato com a tensão entre seus sentidos antropológico e elitista. No primeiro sentido, a cultura significa desde Herder na Alemanha todo um modo de vida: práticas, rituais, instituições e artefatos materiais, assim como textos, ideias e imagens. Nessa acepção, a palavra se refere às produções folclóricas da cultura popular e às realizações materiais como modos de vida. No segundo sentido, a cultura adquire aquele valor interior que contrasta com a superficialidade dos costumes cortesões e tem propósitos humanizadores de homens cultivados, identificando-se à arte, à filosofia, à literatura, à educação formal, ao teatro, etc. Essa divisão na cultura fica mais clara nesse trecho:

Como substituta da religião, cuja importância vinha sofrendo uma acentuada redução, a cultura no sentido elitista surgiu no século XIX como repositório das realizações mais nobres e dos valores mais elevados do homem, sempre em tensão, seja com a cultura ‘popular’ ou ‘folclórica’, seja com as realizações mais materiais da ‘civilização’. Em função de suas conotações inegavelmente hierárquicas e elitistas, a cultura, em seu sentido mais restrito, sempre provocou a hostilidade dos críticos populistas ou radicais, que denunciavam sua cumplicidade natural com estratificação social (JAY, 1988, p. 102).

Um dos críticos mais radicais da Escola de Frankfurt, que também refletiu sobre essa cisão no âmbito da cultura, foi Herbert Marcuse. Este pensador escreveu um artigo denominado, “Sobre o caráter afirmativo da cultura”, de 1937, em que desenvolveu o conceito de “Cultura Afirmativa”, influenciando, posteriormente, os estudos de Adorno e Horkheimer sobre a *Indústria Cultural*. O que se tornava importante neste artigo era a percepção do caráter ideológico da cultura e da arte. Em suas análises, Marcuse observou que aqueles mais altos valores da época iluminista, como liberdade, felicidade, igualdade, verdade, bondade e fraternidade, realizaram-se apenas no plano da cultura espiritual burguesa, não se manifestando no plano da civilização. Foi o que ele denominou

de “cultura afirmativa”, ou seja, aquela cultura pertencente à época burguesa que, no curso de seu próprio desenvolvimento, levaria a distinguir e elevar o mundo espiritual anímico, nos termos de uma esfera de valores autônomos, em relação à civilização. Seu traço decisivo é a afirmação de um mundo mais valioso, eternamente melhor, que é essencialmente diferente do mundo do fato da luta diária pela existência, mas que qualquer indivíduo pode realizar para si a partir do interior, sem transformar aquela realidade de fato (MARCUSE, 1997).

Marcuse entende o conceito de cultura originalmente como o entrelaçamento entre o mundo espiritual e simbólico com o processo histórico da sociedade, ou seja, o entrelaçamento entre o plano da reprodução ideal (cultura) e o plano da reprodução material (civilização). Contudo, na história da civilização, que culminou com a cultura burguesa, houve a separação dessas duas esferas. Na práxis material da época burguesa, o mundo espiritual foi banido do plano material e, assim, a cultura foi elevada a uma falsa universalidade. Com isso, houve o comprometimento histórico da alta cultura com as necessidades ideológicas da burguesia setecentista em ascensão, na medida em que a arte erudita desviava, segundo Marcuse, a atenção da maioria do povo da situação de miséria em que se encontrava, ajudando, com isso, a consolidar o poder da nova classe dominante (DUARTE, 2008).

Marcuse também percebeu essa cisão nas manifestações culturais dos antigos, em que os bens espirituais produzidos na antiguidade clássica aparecem como uma esfera superior e mais importante que o âmbito da reprodução da vida. Sobre isso, Duarte (2008) afirma que essa separação divide a sociedade entre uma esmagadora maioria que deve realizar o trabalho físico e os poucos escolhidos que têm o ócio para se dedicar às coisas do espírito: ao verdadeiro, ao bem e ao belo. Já naquela época existia o discurso da classe dominante de que existem, por um lado, pessoas inferiores, às quais cabe a dura labuta física e, por outro lado, seres humanos superiores, responsáveis pelas atividades intelectuais que propriamente engrandecem a humanidade. A esse respeito, Marcuse afirma que o cultivo do espírito cabe apenas a uma pequena parcela de privilegiados pela sua situação social:

Em todas as classificações ontológicas do idealismo antigo se expressa a perversão de uma realidade social em que o conhecimento da verdade sobre a existência humana já não é assimilada na práxis. Efetivamente, o mundo do verdadeiro, bom e belo é um mundo ‘ideal’, na medida em que se situa além das condições de vida vigentes, além de uma forma da existência em que a maioria dos homens trabalha como escravos ou passa sua vida no comércio de mercadorias e onde só uma pequena camada tem a possibilidade de se ocupar daquilo que vai além da conquista e da garantia das necessidades. Na medida em que a reprodução da vida material se completa sob o domínio da forma mercadoria, renovando

continuamente a miséria da sociedade de classes, nessa medida o bom, belo e verdadeiro transcende esta vida (MARCUSE, 1997, p. 91).

Tal como Marcuse, em seu artigo, “Crítica cultural e sociedade”, Adorno também mostrou que a distinção entre cultura e civilização já poderia ser encontrada nos primórdios da divisão social do trabalho. Segundo ele, “a própria cultura surge da separação radical entre trabalho intelectual e trabalho braçal, extraindo dessa separação, desse ‘pecado original’, a sua força” (ADORNO, 2009, p. 52). Desse modo, a tensão entre a cultura definida no sentido elitista e a cultura como modo de vida é um produto dessa divisão. Um dos principais objetivos de Adorno foi superar essa divisão: mas ele reconhecia que isso seria impossível no âmbito da própria cultura, assim como também não seria realizado pela implosão da alta cultura na vida cotidiana do presente, pois esta só serviria para negá-la, sem concretizar seu potencial emancipatório (JAY, 1988).

Apesar da cultura ser abalada desde sua origem com a divisão social do trabalho, foi somente no mundo moderno que ela se tornou ideológica e perdeu suas características emancipatórias. Como crítico da cultura, Adorno observou que a cultura se modificou quando foi absorvida pela forma universal da mercadoria. Ela rompeu com o reino dos fins, submetendo-se aos interesses de classe. Desse modo, quando o espírito se libertou do mundo teológico-medieval, recaiu sob as determinações do mercado, transformando as produções espirituais em bens de consumo. Esse processo ocorreu no transcorrer da era liberal, na qual a cultura foi assimilada na esfera de circulação. Tão logo a cultura se congelou em “bens culturais”, ela perdeu sua razão de ser. O resultado disso foi que a cultura espiritual aparece separada da luta pela vida, separando-se da práxis social, como uma esfera de valores eternos e superiores. Como o próprio Adorno afirma:

Assim como a cultura surgiu no mercado, no comércio, na comunicação e na negociação como algo distinto da luta imediata pela autopreservação individual; assim como ela se irmana, no capitalismo clássico, ao comércio, e assim como o seus portadores se incluem entre ‘terceiras pessoas’ e se sustentam como intermediários, assim a cultura, considerada ‘socialmente necessária’ segundo as regras clássicas, ou seja, algo que se reproduz economicamente, restringe-se novamente ao âmbito em que se iniciou, o da mera comunicação. Sua alienação do humano desemboca na absoluta docilidade em relação à uma humanidade metamorfoseada em clientela pelos fornecedores (ADORNO, 2009, p. 52).

Na opinião de Adorno (2009), a deterioração da cultura não significou algo ocasional, mas é o resultado do processo pela qual ela toma consciência de si mesma enquanto cultura, opondo-se fortemente ao mundo da crescente violência e barbárie do predomínio do poder econômico. O que parece ser a decadência da cultura é o seu puro caminhar em direção a si mesma. A cultura deixa-se idolatrar apenas quando está neutralizada e reificada. Hoje, o supremo fetiche da crítica cultural

é a noção de cultura enquanto tal: “Pois nenhuma obra de arte autêntica e nenhuma filosofia verdadeira jamais esgotaram seu sentido em si mesmas, em seu ser em si, sempre estiveram relacionadas ao processo vital real da sociedade, da qual se separam (ADORNO, 2009, p. 49).

A cultura só é verdadeira quando é necessariamente crítica. A crítica é um elemento inalienável da cultura (ADORNO, 2009). Contudo, celebrar a cultura apenas em termos de sua transcendência com relação as preocupações materiais, significa bloquear o potencial crítico desse conceito. Do mesmo modo, isolar a cultura como algo superior à sociedade, livre de suas restrições, é ignorar o penetrante poder da totalidade dominante, em que se transformou a vida moderna (JAY, 1988). Desse ponto de vista, a cultura só foi transformada em ideologia, porque renunciou a seu papel crítico de interferir na realidade social, transformando-se em um bem de consumo. Essa regressão é mostrada de forma contundente nessa passagem:

O fato de que a cultura europeia como um todo tenha degenerado em mera ideologia aquilo que oferece ao consumo, hoje prescrito a populações inteiras por managers e técnicos em psicologia, provém da mudança de sua função em relação a práxis material, de sua renúncia a uma intervenção direta. Essa mudança certamente não foi nenhum pecado original, mas algo imposto historicamente (ADORNO, 2009, p.49).

Em seu ensaio “Semicultura”, Adorno (2005) procurou explicar como originalmente se deu essa separação entre cultura e civilização. Segundo ele, quando a jovem burguesia se libertou das amarras do mundo feudal, tomando politicamente o poder na Inglaterra do século XVII e na França do século XVIII, ela economicamente estava mais desenvolvida que o sistema feudal. Mas, isso só foi possível, porque a formação cultural da burguesia possibilitou que ela pudesse assumir o desempenho das tarefas econômicas e administrativas. Sem essa formação, o burguês não poderia assumir o seu papel social como empresário, gerente ou funcionário. Foi desse modo que a burguesia se consolidou enquanto classe. Contudo, quando os socialistas procuram despertar a consciência dos trabalhadores, estes não se encontravam subjetivamente mais avançados do que a burguesia. Com isso, a classe burguesa procurou monopolizar a formação cultural, estabelecendo o antagonismo entre cultura como âmbito de valores e sentimentos superiores e a cultura como “conformar-se à vida real”, como momento de adaptação:

O duplo caráter da cultura nasce do antagonismo social não-conciliado que a cultura quer resolver, mas que demanda um poder, que, como simples cultura, não possui. Esse desejado equilíbrio é momentâneo, transitório. Na hipótese do espírito, mediante a cultura, a reflexão glorifica a separação social colocada entre o trabalho do corpo e o trabalho do espírito” (ADORNO, 2005, p. 4).

A burguesia em sua dominação progressiva sobre o proletariado só conseguiu perpetuar o seu poder, porque monopolizou a formação cultural. A desumanização, implantada pelo processo capitalista de produção, negou aos trabalhadores todos os pressupostos para a formação cultural. Todas as tentativas pedagógicas de remediar a situação se transformaram em caricaturas. Toda a chamada educação popular nutriu-se da ilusão de que a formação, por si mesma e isolada, poderia revogar a exclusão do proletariado, que sabemos ser uma realidade socialmente constituída (ADORNO, 2005).

Outra consequência atentada por Adorno, em relação a hipóstase do espírito, foi a criação das condições objetivas para a barbárie fascista. O definhamento da cultura fez com que a consciência renunciasse à sua autodeterminação. Com isso, a sociedade como um todo se colocou em oposição ao próprio conceito de humanidade, perdendo a consciência de si mesma. Não foi à toa que muitos intelectuais que cultivavam os bens espirituais foram capazes de apoiar ou cometer atrocidades em nome do Estado autoritário. Esse fato demonstra para Adorno (2005) que, aqueles indivíduos não somente possuíam uma consciência dissociada, mas, também, que aqueles bens espirituais, considerados como os mais altos valores humanos, estavam dissociados do verdadeiro mundo das coisas humanas. Desse modo, a formação cultural ignorou esse fato e se converteu em semiformação.

A completa mutilação da cultura se deu justamente com o advento dos regimes totalitários na Europa, quando o capitalismo progrediu de liberal para monopolista, afetando a cultura em sua própria raiz. A partir daí a formação cultural da burguesia (*Bildung*) deu lugar a uma semicultura. Esse processo ocorreu porque a eliminação do comércio e de seus refúgios irracionais foi substituído pelo enorme aparato de distribuição da indústria, impulsionando a completa mercantilização dos bens culturais. Com isso, a totalidade da existência foi dominada pelo aparato técnico, possibilitando que a vida se tornasse inteiramente administrada e que a cultura se convertesse integralmente em ideologia. A partir disso, a semicultura surge como um produto e ingrediente de uma sociedade industrializada: “Sob as condições do capitalismo tardio, a semicultura converteu-se no espírito objetivo” (ADORNO, 1985, p. 162).

O que caracteriza o capitalismo tardio é a união entre as esferas da cultura e da indústria. Nesse sentido, a semiformação seria a formação do indivíduo por meio da industrialização da cultura, em que os produtos perdem sua essência cultural, pois são transformados pelo processo industrial em semicultura. Assim, os produtos da semicultura servirão de conteúdo formativo para

a sociedade de massa. Este processo formativo denomina-se “semiformação”, por não ser realizado pelo conteúdo cultural, que é o conteúdo imanente à verdadeira obra de arte (IOP, 2009).

Na concepção de Adorno (2009, p. 2), “a formação nada mais é que a cultura tomada pelo lado de sua apropriação subjetiva.”. Contudo, quando a semicultura torna-se o espírito objetivo, a formação passa a ser definida *a priori* pelos inumeráveis mecanismos de controle social, convertendo-se em uma semiformação socializada. Em outras palavras, a formação dos indivíduos passa a ser mediada por produtos culturais estandardizados pela técnica, vulgarizando a cultura em sua própria raiz. A consequência disso é que a ideologia se materializa nos próprios produtos desse mundo, sendo absorvida pela própria realidade: “A ideologia, ou seja, a aparência socialmente necessária, é hoje a própria sociedade real” (ADORNO, 2009, p. 57).

Com a transformação da realidade em ideologia, a ordem estabelecida passa a ser aceita como um fato natural na existência humana, a sua mera reprodução na consciência converte-se em verdade. Hoje, “a ideologia se encontra tão ‘colada’ à realidade, que qualquer comportamento que não se atrele ao atendimento das necessidades do consumo é rotulado como desviante” (ZUIN; PUCCI; OLIVEIRA, 2008, p. 60). Nesse sentido, quando a ideologia se materializa nas próprias condições de vida, toda forma de barbárie e de repressão necessárias para a preservação da sociedade são justificadas. O absurdo de tudo isso, é que a vida sob as condições existentes suscita objetivamente a aparência de legitimação social. Como o próprio Adorno afirma:

A cultura tornou-se ideológica não só como a quintessência das manifestações subjetivamente elaboradas pelo espírito objetivo, mas, em maior medida, também como esfera da vida privada. Esta esconde, sob a aparência de importância e autonomia, o fato de que é mantida apenas como apêndice do processo social. A vida se transforma em ideologia da reificação (ADORNO, 2009, p. 56).

Hoje, a semiformação como apropriação subjetiva somente se perpetua porque é disseminada pela indústria cultural. Os espectadores assimilam os produtos padronizados dessa indústria de forma passiva e sem reflexão crítica. Esses produtos não somente infantilizam os indivíduos a partir de entretenimentos idiotizados, mas também incutem normas, valores e formas de comportamento determinando as formas de consciência. Desse modo, os indivíduos são educados e formados segundo os padrões de condutas socialmente estabelecidos pelas instâncias de controle social. O objetivo é impedir uma formação cultural plena e autônoma que os leve a compreender os fenômenos sociais de forma crítica e emancipada. Como a socialização se estabelece

de forma precária e parcial, a semiformação reforça a socialização, visando a adaptação e a coesão social, fazendo os homens se nivelarem uns aos outros, impedindo-os que se eduquem a si mesmos:

A semiformação conta com o apoio dos mass media para se difundir entre a sociedade de massa e conquistar a consciência individual em meio ao coletivo, não permitindo que os indivíduos pertencentes a essa camada social sejam educados pela formação cultural, com base em uma teoria que possibilite a liberdade do espírito e gere a reflexão crítica sobre os processos sociais e culturais, impedindo que esses indivíduos compreendam os fenômenos sociais, do ponto de vista histórico, social, cultural, político e econômico (IOP, 2009, p. 24).

A semiformação produz aquilo que Kant (1988) denominou de estado de menoridade. Nesse estado o homem abre mão da sua capacidade de se servir de seu próprio entendimento. O indivíduo que possui como qualidades naturais a faculdade de julgar e a autonomia da sua vontade, deixaria de se valer de sua característica existencial. Ele privar-se-ia do próprio direito natural da liberdade. Com isso, ele torna-se incapaz de analisar as circunstâncias sociais em que está inserido, perdendo a capacidade de reflexão crítica. Sua vida passa a ser conduzida por mecanismos externos como crenças, religião, ideologias e, atualmente, a indústria cultural. Ele passa a ser guiado por lógicas heterônomas, perdendo a capacidade de autodeterminação e autoconsciência.

Para Adorno, “a formação tem como condições a autonomia e a liberdade” (2005, p. 8). É pela autonomia e liberdade do intelecto e do espírito que se nutre a formação. Se a formação cultural da burguesia exigiu um certo esforço intelectual, concentração espiritual e sensorial; a semiformação, ao contrário, simplificou os elementos complexos, adaptando-os e tornando-os desprovidos de qualquer conteúdo espiritual. Os conteúdos críticos, negativos e transformadores foram neutralizados, perdendo suas características emancipadoras. A cultura converteu-se, assim, num valor e tornou-se adaptação ao conformar os indivíduos à vida real.

Os produtos da semicultura planejada e produzida pela indústria cultural renunciaram ao reino dos fins, que eram propagados pela formação espiritual burguesa. Os fins verdadeiramente humanos, como a igualdade, a liberdade, a justiça social, a cidadania e a felicidade coletiva presentes na filosofia, na arte e na literatura burguesa foram renegados. Como observou Marcuse, “foi somente na arte que a burguesia tolerou a realização efetiva de seus ideais, levando-os a sério como exigência universal” (1997, p.113). Ao renegar esses valores, a indústria cultural desenvolveu novos valores, como a busca da felicidade individual, o culto ao corpo, a busca da beleza, a realização profissional, o consumo e a satisfação do prazer. Esses novos valores foram disseminados nos produtos padronizados da indústria cultural. Com isso, a semiformação tornou-se falsa

universalidade. Em lugar dos ideais de liberdade e felicidade para todos, ela respondeu com ideais de felicidade individual, fama, dinheiro, beleza e consumo. A semiformação tornou-se o apanágio da cultura afirmativa.

Um dos objetivos fundamentais da semicultura é propagar a ideologia da vida como reificação. Nesse sentido, “a semiformação é o espírito conquistado pelo caráter de fetiche da mercadoria” (ADORNO, 2005, p.11). A busca desenfreada pelo dinheiro, a competição, o consumo, a busca de reconhecimento simbólico, a labuta do dia a dia não permitem ao homem determinar sua própria vida como projeto, como determinação consciente. Ele deixa de ser livre, sendo impedido de realizar suas potencialidades e sua autonomia. Sua vida deixa de lhe pertencer, assim como seu tempo, sua interioridade e seus projetos. Segundo Coelho (1997), para essa sociedade, o padrão maior de avaliação tende a ser a coisa, o bem, o produto; tudo é julgado como coisa, portanto tudo se transforma em coisa, inclusive o homem. E esse homem reificado só pode ser um homem alienado: alienado de seu trabalho, que é trocado por um valor em moeda inferior às forças por ele gastas; alienada do produto de seu trabalho, que ele mesmo não pode comprar, pois seu trabalho não é renumerado à altura do que ele mesmo produz; alienado, enfim, em relação a tudo, alienado de seus projetos, da vida do país, de sua própria vida, uma vez que não dispõe de tempo livre, nem de instrumentos teóricos capazes de permitir-lhe a crítica de si mesmo e da sociedade. Adorno denominou esse processo de objetivação da reificação de integração:

O termo sociológico para isso se chama integração. Para a consciência, as barreiras sociais são, subjetivamente, cada vez mais fluidas [...]. Por inúmeros canais, fornecem-se às massas bens de formação cultural. Neutralizados e petrificados, no entanto, ajudam a manter no devido lugar aqueles para os quais nada existe de muito elevado ou caro. Isso se consegue ao ajustar o conteúdo da formação, sobre os mecanismos de mercado, à consciência dos que foram excluídos do privilégio da formação cultural e cuja modificação seria propriamente a formação cultural (ADORNO, 2005, p. 6).

Hoje, mesmo que as massas se encontrem inundadas de bens culturais, a semiformação está tão solidificada na consciência dos indivíduos, que impede qualquer tentativa de ruptura. Os indivíduos estão muito precariamente preparados para uma formação cultural no sentido tradicional. A sensibilidade e a consciência estão tão degradadas que “tudo o que estimula a formação acaba por contrair-lhe os nervos vitais” (ADORNO, 2005, p.6). Apesar de todo esclarecimento e de toda informação que se difunde, por meio dos mais diversos canais de comunicação e das mais variadas tecnologias, a semiformação tornou-se a forma dominante da consciência atual.

Referência bibliográfica

ADORNO, Theodor. Sociedade. In: ADORNO, Theodor. *Temas básicos de sociologia*. São Paulo: Cultrix, 1978.

ADORNO, Theodor e HORKHEIMER, Max. *Dialética do Esclarecimento*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

ADORNO, Theodor. Crítica cultural e sociedade. In: ADORNO, Theodor. *Indústria cultural e sociedade*. São Paulo: Paz e Terra, 2009.

ADORNO, Theodor. Teoria da Semicultura. *Revista Primeira Versão*. Ano IV, nº 191, Porto Velho, maio/agosto, 2005. Disponível em <http://www.primeiraversao.unir.br/atigos_pdf/191.pdf> Acesso em 10 Março de 2018.

COELHO, Teixeira. *O que é indústria cultural*. São Paulo: Brasiliense, 1997.

DUARTE, Rodrigo. Da “Cultura Afirmativa” à subjetividade criativa. *Revista Cult*, nº. 127, p. 56-59, agosto de 2008.

DUARTE, Rodrigo. *Teoria crítica da indústria cultural*. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

ELIAS, Norbert. *O processo civilizador: uma história dos costumes*. Vol 1. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2011.

IOP, Elisandra. Formação cultural, semicultura e indústria cultural: contribuições de Adorno sobre a emancipação. *Revista Espaço Pedagógico*, v. 16, n. 2, Passo Fundo, p. 20-33, jul./dez. 2009. Disponível em <<http://seer.upf.br/index.php/rep/article/view/2212/1427>> Acesso em 5 Abril de 2018.

JAY, Martin. *A imaginação dialética: história da Escola de Frankfurt e do Instituto de Pesquisas Sociais, 1923-1950*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2008.

JAY, Martin. *As ideias de Adorno*. São Paulo: Cultrix: Editora da Universidade de São Paulo, 1988.

KANT, Immanuel. *A paz perpétua e outros opúsculos*. Petrópolis: Vozes, 1988.

MARCUSE, Herbert. Sobre o caráter afirmativo da cultura. In: MARCUSE, Herbert. *Cultura e sociedade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

SONTAG, Susan. *Ensaio sobre a Fotografia*. Rio de Janeiro: Arbor, 1981.

ZUIN, Antônio; PUCCI, Bruno; OLIVEIRA, Newton. *Adorno: o poder educativo do pensamento crítico*. Petrópolis: Vozes, 2008.

Recebido em: 14 de outubro de 2019

Aceito em: 08 de julho de 2019